

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**  
**Instituto de Filosofia, Sociologia e Política**  
**Curso de Graduação em Ciências Sociais Bacharelado**



Trabalho de Conclusão de Curso

**AS MICRO RELAÇÕES SOCIAIS, OS RÓTULOS PERCEBIDOS E O  
CONTROLE DE INFORMAÇÕES EM JOVENS CONSUMIDORES DE MACONHA  
EM PELOTAS-RS**

KARIMA SAMIR PRIETTO MAJDOUB

Pelotas, 2023

KARIMA SAMIR PRIETTO MAJDOUB

**AS MICRO RELAÇÕES SOCIAIS, OS RÓTULOS PERCEBIDOS E O  
CONTROLE DE INFORMAÇÕES EM JOVENS CONSUMIDORES DE MACONHA  
EM PELOTAS-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Sociais, do Instituto de Filosofia, Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientador: Pedro Alcides Robertt Niz

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

M233m Majdoub, Karima Samir Prietto

As micro relações sociais, os rótulos percebidos e o controle de informação em jovens consumidores de maconha em Pelotas-RS / Karima Samir Prietto Majdoub ; Pedro Alcides Robertt Niz, orientador. — Pelotas, 2023.  
43 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Sociais) — Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. Consumidores de maconha. 2. Formas sociais. 3. Desvio. 4. Estigma. I. Niz, Pedro Alcides Robertt, orient. II. Título.

CDD : 363.45

KARIMA SAMIR PRIETTO MAJDOUB

**AS MICRO RELAÇÕES SOCIAIS, OS RÓTULOS PERCEBIDOS E O  
CONTROLE DE INFORMAÇÕES EM JOVENS CONSUMIDORES DE MACONHA  
EM PELOTAS-RS**

Trabalho de Conclusão de Curso como requisito parcial, para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 30/03/2023

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Pedro Robertt (Orientador)  
Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Prof. Dra. Elaine da Silveira Leite  
Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

Prof. Dr. Jorge Morgan de Aguiar Neto  
Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Dra. Elaine Silveira Leite, bem como à mestre em Sociologia pela UFPel Mabielle Pedra Fanti, pela sugestão de incorporar Simmel ao referencial teórico do meu trabalho, pois com certeza fez toda a diferença.

Agradeço também à professora Dra. Patrícia Rodrigues Chaves da Cunha que juntamente à professora Elaine, nos guiou em todas as fases do TCC, abrindo nossos caminhos durante a pesquisa. Não poderia deixar de agradecer também a todos os professores do IFISP que contribuíram com a minha graduação em Ciências Sociais.

Agradeço infinitamente ao meu orientador, professor Dr. Pedro Robertt, pelas maravilhosas aulas em Sociologia III, me apresentando as teorias que utilizei nesta pesquisa, e também pela dedicação em orientar este trabalho, se fazendo sempre presente, com correções rápidas e sugestões assertivas que me motivaram a continuar.

Agradeço a todos os jovens que participaram desta pesquisa, concedendo seu tempo tão prestativamente para me ajudar e contribuir com a ciência.

Alguns agradecimentos, para além do TCC, expressam o quanto algumas pessoas são importantes para a nossa vida, nos dão alegria, vontade de continuar lutando e muitas vezes a paz que perdemos na correria do dia a dia. Por causa destas pessoas não desisti e a elas quero sempre dar orgulho.

Começo o agradecimento às minhas pessoas, pela minha grande amiga Paola Marlen Chaves Gonçalves, com quem compartilhei todas as experiências do curso desde a primeira semana, inclusive a produção do TCC, cada uma em seu computador, com suas teorias e dados, mas sempre juntas. Obrigada amiga, pelo incentivo e apoio constante, e espero ter te ajudado tanto quanto me ajudaste neste trajeto solitário e difícil. Te amo muito, te levo pra sempre na minha vida, saiba que foi infinitamente mais fácil e alegre ao teu lado.

Agradeço de coração a todos os meus colegas da Clínica Veterinária Dr. Ricardo Oliveira. Camila Louzada, Catia Oliveira e Ricardo Oliveira pela compreensão e apoio para que eu pudesse dedicar o maior tempo possível a esta pesquisa e a elaboração do TCC.

Agradeço a todos os meus amigos do coração, os que fiz na faculdade e os que fiz durante a vida, obrigada pelos momentos bons e por ajudar a superar os momentos ruins, e também pelas experiências compartilhadas que me tornaram quem sou hoje.

Agradeço a toda minha família pela confiança e amor infinito. Mas principalmente ao meu pai, Samir Said Majdoub, que por muitas vezes, demonstrou seu amor me incentivando a

ler, desde a minha alfabetização, quando pequena eu ainda não sabia, mas sem este incentivo, não teria conseguido passar pela graduação. Te amo, بابا.<sup>1</sup>

Agradeço a minha irmã, Layla Samir Prietto Majdoub, que nunca me deixou aceitar ser menos do que eu posso ser. Espero sempre fazer o mesmo por ti, te amo, mana.

Agradeço especialmente e infinitamente à minha mãe, Gilcéia Vieira Prietto, o maior incentivo e a maior inspiração que eu e a mana poderíamos ter, nossa melhor amiga, com quem sempre compartilhamos as maiores dificuldades e as maiores conquistas. Te amo mais que minha própria vida, mãezinha, obrigada por ser a melhor mãe que podes ser em todos os momentos das nossas vidas, palavra nenhuma traduz o quanto a senhora é importante na minha trajetória acadêmica e na minha vida.

Por fim, agradeço ao meu amor, Arthur Edi Amaral da Silva, com quem escolhi dividir a vida, decisão que se faz mais certa a cada dia que passa. Obrigada por toda a paciência, todo o carinho e ajuda para que eu pudesse concluir mais essa fase, te amo por isso e mil coisas mais.

Sem vocês eu não teria conseguido.

---

<sup>1</sup> Gráfia árabe para a palavra “Papai” com fonética [bābā].

## RESUMO

MAJDOUB, Karima. **As micro relações sociais, os rótulos recebidos e o controle de informações em jovens consumidores de maconha na cidade de Pelotas/RS**. 2023. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) – Curso de Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Este trabalho é dedicado ao estudo das micro relações sociais de jovens consumidores de maconha na cidade de Pelotas/RS. Buscou-se compreender que rótulos estes jovens percebem e como lidam com eles dentro dos grupos sociais com os quais interagem. Para tanto, combinou-se teoricamente a Sociologia Formal de Georg Simmel, a Teoria do Desvio de Howard Becker e as reflexões sociológicas Estigma de Erving Goffman. A partir de uma metodologia qualitativa, com base em entrevistas semi-estruturadas, foi possível compreender como o consumo de maconha permeia as formas de sociação (subordinação, secreto e estrangeiro), os rótulos percebidos e as estratégias de controle de informação utilizadas por estes jovens.

**Palavras Chaves:** Consumidores de maconha, formas sociais, desvio, estigma.

## ABSTRACT

MAJDOUB, Karima. **As micro relações sociais, os rótulos recebidos e o controle de informações em jovens consumidores de maconha na cidade de Pelotas/RS**. 2023. 43f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) – Curso de Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023

This work is dedicated to the study of the micro social relationships of young marijuana consumers in the city of Pelotas/RS. We sought to understand which labels these young people perceive and how they deal with them within the social groups they interact with. For this purpose, Georg Simmel's Theory of Formal Sociology, Howard Becker's Theory of Deviance and Erwing Goffman's sociological reflections on Stigma were combined. From a qualitative methodology, based on semi-structured interviews, it was possible to understand how the consumption of marijuana permeates the forms of sociation (subordination, secret and foreign), the perceived labels and the information control strategies used by these young people.

**Keywords:** Marijuana users, social forms, deviation, stigma.

## SUMÁRIO

|                                                                                             |    |
|---------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 1. Introdução                                                                               | 10 |
| 2. Contextualização Teórica                                                                 | 16 |
| 2.1 As Formas Sociais de Georg Simmel                                                       | 16 |
| 2.2 Outsiders e a teoria do desvio em Howard Becker                                         | 20 |
| 2.3 O Estigma em Erwing Goffman                                                             | 21 |
| 3. Análise Empírica: Entrevistas com Jovens Consumidores de Maconha na Cidade de Pelotas/RS | 25 |
| 3.1 Relações com os Grupos                                                                  | 25 |
| 3.2 Rótulos Predominantes                                                                   | 31 |
| 3.3 Estratégias de Controle de Informação                                                   | 34 |
| 4. Considerações Finais                                                                     | 37 |
| 5. Referências Bibliográficas                                                               | 39 |
| 6. Anexo Roteiro das Entrevistas                                                            | 43 |

## 1. INTRODUÇÃO

O trabalho de conclusão que aqui se apresenta é um estudo sobre as percepções sociais de consumidores de *Cannabis Sativa*, popularmente conhecida como maconha, a partir de uma perspectiva interacionista, combinando A Sociologia Formal de Simmel (2015), a Teoria do Desvio de Howard Becker, no livro *Outsiders* (2008), e as reflexões teóricas de Erving Goffman em *Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada* (1981).

Encontrar dados quantitativos sobre o uso de maconha entre jovens adultos (18 a 29 anos) não é uma tarefa fácil, principalmente em comparação com o acesso a outros tipos de dados, por exemplo, socioeconômicos. A característica ilegal dessa prática de consumo dificulta a coleta de dados confiáveis.

Contudo, informações, de 2015, provenientes do 3º Levantamento Nacional sobre o Uso de Drogas pela População Brasileira realizado pela Fiocruz, sinalizam que a maconha é a droga mais consumida por brasileiros de 12 a 65 anos. Estima-se que 7,7% da população pesquisada já consumiu maconha ao menos uma vez na vida. No entanto, os pesquisadores apontam que os dados coletados devem ser olhados com cautela, já que a pesquisa trata do consumo de drogas, que por ser proibido legalmente, tende a levar os entrevistados a ocultarem essa prática ao responder ao pesquisador, por medo de constrangimentos futuros. Além disso, é uma pesquisa por amostragem a partir de inquérito domiciliar e não contempla consumidores que se encontram sem domicílio.

A maior visibilização de seu consumo, por exemplo via midiática, e a legalização do consumo em alguns países, inclusive o fronteiro Uruguai (MATHIAS, 2021), chamam atenção da população sobre o tema, gerando movimentos a favor da descriminalização do consumo, como a famosa Marcha da Maconha, liberada inclusive pelo STF em 2012, assim como manifestações contrárias à liberação do uso, principalmente, recreativo. O tratamento dado pela mídia, em especial, abre espaço ao tema, popularizando-o ainda mais e gerando opiniões que são reproduzidas e difundidas no senso comum, reforçando a necessidade de um olhar sociológico.

Uma análise do consumo de drogas desde o ponto de vista jurídico pode ser efetuada a partir do Artigo 2º da Lei Antidrogas (11.343/06) brasileira, no qual se declara:

Ficam proibidas, em todo o território nacional, as drogas, bem como o plantio, a cultura, a colheita e a exploração de vegetais e substratos dos quais possam ser extraídas ou produzidas drogas, ressalvada a hipótese de autorização legal ou regulamentar, bem como o que estabelece a Convenção de Viena, das Nações Unidas, sobre Substâncias Psicotrópicas, de 1971, a respeito de plantas de uso estritamente ritualístico-religioso (Brasil, 2006).

Por sua vez, são consideradas, no artigo 1º §, como ilegais “as substâncias ou os produtos capazes de causar dependência, assim especificados em lei ou relacionados em listas atualizadas periodicamente pelo Poder Executivo da União”.

A *Cannabis* se encaixa na categoria de plantas “que podem originar substâncias entorpecentes e/ou psicotrópicas” na portaria nº344/1998 da Anvisa. Isso define a planta como um dos alvos da lei Antidrogas, visto que só é possível consumi-la – de forma recreativa- em território nacional através de plantação ilegal ou então pela compra através do tráfico ilegal de substâncias.

Avaliando a situação sob uma perspectiva interacionista foi possível identificar o emprego de rótulos em relação aos consumidores de maconha, os quais tendem a ser elaborados pelos empreendedores morais, neste caso, os fazedores de leis.

Foi no exercício de uma observação sobre um assunto em disputa, na sociedade, que surgiu a ideia inicial de estudar como jovens consumidores de maconha percebiam os rótulos que recebem dentro dos micro grupos com os quais convivem e como lidam com os mesmos.

O objeto da pesquisa, nesse sentido, foi direcionado à interação social entre jovens (18 a 29 anos) consumidores de maconha e alguns de seus grupos de convívio que conhecem sua condição de consumidor, na cidade de Pelotas.

A pergunta norteadora inicial da pesquisa foi: qual é a percepção de jovens consumidores de maconha sobre os rótulos que recebem em suas micro relações sociais na cidade de Pelotas/RS, e como lidam com eles? Levou-se em conta que em cada um dos grupos trabalhados esse jovem ocupa um lugar variável, além do lugar de consumidor de maconha, o qual o grupo pode ou não ter sido informado que este jovem também ocupa.

O objetivo geral deste trabalho foi entender como jovens percebem os rótulos que recebem enquanto consumidores de maconha segundo uma perspectiva interacionista do desvio, trabalhada por Howard Becker, no livro *Outsiders* (2008) bem como perceber como lidam com estes rótulos, ou na linguagem de Goffman, como lidam com os estigmas que recebem (1981).

A partir deste objetivo geral, estabeleceram-se os objetivos específicos seguintes: investigar o meio intermediário, ou seja, as micro relações pessoais de jovens consumidores de maconha habitantes da cidade de Pelotas, por onde circulam os rótulos percebidos por eles; analisar as diferenças nas rotulações percebidas de acordo com os diversos grupos pelos quais estes jovens circulam; verificar se algum dos rótulos se repete em todos os grupos; e finalmente, entender quais as estratégias utilizadas por estes jovens para lidarem com os rótulos que recebem.

A pesquisa tem uma relevância social pautada na atualidade do tema, pois embora seja um assunto trabalhado sistematicamente no país, em diversas áreas como a criminologia e a psicologia, tem tomado grande espaço nas Ciências Sociais principalmente por se tratar de um tema em disputa na sociedade (ELWANGLER, 2016). Do ponto de vista científico trata-se de uma pesquisa que pretende fomentar os debates nas teorias micro sociológicas, que vem sendo bastante usadas nas análises relacionadas ao uso e consumo de drogas no país na última década (MELO, 2020; CAMPOS, 2013; COSTA, 2016).

Este trabalho baseia-se em uma pesquisa descritiva que se deu por meio de amostra em bola de neve, de acordo com as indicações proporcionadas pela metodologia qualitativa. Para Oliveira (2014, p. 41), a pesquisa qualitativa se caracteriza como “um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para a compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

A primeira técnica empregada foi a revisão bibliográfica sistemática, realizada segundo as orientações de FLICK (2009), nos bancos de pesquisas e trabalhos científicos sciELO Brasil, Banco de Teses da CAPES e Periódicos CAPES. Foram incluídos na revisão trabalhos publicados entre 2012 e 2022, escritos em inglês, português ou espanhol e disponíveis para download ou leitura online gratuitos, que trabalhassem os autores que compõem o referencial teórico desta pesquisa ou o tema escolhido sob uma perspectiva sociológica.

A partir da revisão bibliográfica de estudos sobre o tema combinada com as inspirações em técnicas de pesquisa aplicadas por Becker em *Outsiders* (2008), tais como entrevistas e interpretação dos dados coletados foram escolhidos os demais recursos que possibilitaram a realização deste trabalho.

A primeira delas foi a coleta e análise de dados documentais, realizada a partir de registros institucionais escritos de fontes governamentais, tais como projetos de leis e estatutos, assim como documentos de comunicação em massa, como reportagens e matérias de jornais, revistas ou blogs de notícias (GIL, 2010 *apud* KRIPKA, SCHELLER e BONOTTO, 2015).

Juntamente com a pesquisa de campo e o referencial teórico, segundo Valles, a incorporação e análise de dados documentais são indispensáveis para a contextualização e apresentação do tema e objeto a serem trabalhados (1999).

A técnica de pesquisa principal que compôs este trabalho foi a aplicação de um roteiro de entrevistas a jovens consumidores de maconha, especificamente, àqueles que fizeram parte da amostra do nosso objeto de estudo, isso é, pessoas jovens, maiores de idade, habitantes da cidade de Pelotas/RS e consumidoras de maconha.

A pesquisa de campo foi realizada na cidade de Pelotas/RS entre o final de 2022 e o início de 2023. Para uma melhor compreensão do contexto em que se localiza a juventude que habita Pelotas, é importante lembrar que se trata de uma cidade universitária, localizada em um estado da federação. Além de diversos campus da Universidade Federal de Pelotas, sedia o Instituto Federal De Educação Ciência e Tecnologia Sul-Riograndense – Campus Pelotas, assim como a tradicional Universidade Católica de Pelotas, entre outras faculdades particulares.

Sendo a maior cidade da região sul do estado, com mais de 300.000 habitantes (IBGE, 2010), Pelotas recebe estudantes vindos da região e de todo o país, atraídos pelas ofertas de ensino superior situadas no município.

Além dos jovens que vêm até Pelotas para estudar, é importante considerarmos também os naturais da cidade, que cresceram aqui e têm uma perspectiva singular em relação a ela, compartilhando-a não somente com amigos ou colegas universitários – como é o caso de estudantes forâneos– mas também com seu núcleo familiar e por vezes com seu núcleo profissional. Nessa comparação, os jovens que vêm de fora, especificamente em função dos estudos, tendem a se apropriar menos da cidade do que os nascidos aqui.

Além das diferenças relacionadas ao fato de ser uma cidade universitária, os jovens de Pelotas, como em toda a cidade, não são uma categoria homogênea, ao contrário, existem diferentes realidades socioeconômicas. Esta é uma questão importante no que diz respeito ao peso de rótulos recebidos (BECKER, 2008).

Segundo o Estatuto da Juventude no Brasil, são definidos como jovens os indivíduos com idade entre 15 e 29 anos<sup>2</sup>. Apesar da definição estatal, devido à ilegalidade do consumo de maconha no país, foram escolhidos somente os maiores de idade, para evitar constrangimentos com os menores de 18 anos. Deve-se ressaltar que foram trabalhados os rótulos utilizados por “grupos rotuladores”. Contudo, foram os próprios usuários que nos permitiram chegar a tais rótulos.

---

<sup>2</sup> Esta é apenas uma definição, não é necessário assumi-la como certa. Bordieu (1983) e Remi Lenoir (2000) desnaturalizam a definição de idade simplesmente por termo cronológico.

Para evitar constrangimentos aos participantes, optou-se por não divulgar suas reais identidades, usando codinomes para referir-se aos diferentes entrevistados do estudo.

Pensando na entrevista como a técnica de pesquisa que mais se aproxima das interações cotidianas (VALLES, 1999), e priorizando a interação entre entrevistador e entrevistado como uma conversação natural com perguntas específicas a serem inseridas (ERLANSON *et al*, 1993 *apud* VALLES, 1999), o formato do roteiro foi semiestruturado, com perguntas previamente determinadas trazidas pela entrevistadora à conversação sem uma ordem definida. Dessa maneira, foi obtida uma naturalidade na interação entre entrevistado e pesquisadora, sendo atingidos os objetivos de pesquisa.

Quanto à escolha dos indivíduos entrevistados, seguindo o modelo apresentado por Becker, no livro *Outsiders* (2008), que serve como inspiração metodológica e teórica para esta pesquisa, os contatos iniciais foram por conveniência, ou seja, a entrevistadora abordou intencionalmente pessoas que ela já sabia que se encaixavam dentro das características do grupo que compõe o objeto de estudo.

Para dar sequência às entrevistas, foi utilizado o método qualitativo de bola de neve, método de amostra não probabilística muito útil em pesquisa de grupos de difícil acesso (VINUTO, 2014), neste caso, jovens consumidores de maconha na cidade de Pelotas/RS. Segundo a autora:

A execução da amostragem em bola de neve se constrói da seguinte maneira: para o pontapé inicial, lança-se mão de documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisador. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem informações novas ao quadro de análise (VINUTTO, 2014 p. 203).

Foram realizadas oito entrevistas presenciais em local de preferência do entrevistado, em alguns casos em local público e em outros na residência do entrevistado e as entrevistas tiveram duração variada entre onze e trinta e cinco minutos, todas gravadas com celular, mediante autorização dos entrevistados, para posterior transcrição.

E, por fim, procedeu-se à análise dos dados coletados nas entrevistas através das transcrições das mesmas, combinadas com o referencial teórico escolhido.

## 2. CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

A finalidade deste capítulo é apresentar os conceitos teóricos dos autores que norteiam a pesquisa. O capítulo divide-se em três seções dedicadas a cada um dos autores que formam o referencial teórico deste trabalho. A primeira seção é dedicada às formas sociais em Georg Simmel; já a segunda seção trata da questão dos rótulos, bem como da teoria trazida por Howard Becker em *Outsiders* (2008). Por fim, a última seção apresenta o conceito de Estigma, de Erving Goffman e alguns de seus desdobramentos.

### 2.1 AS FORMAS SOCIAIS DE GEORG SIMMEL

Sem fazer parte, explicitamente, de nenhuma tradição precedente, o livro pioneiro de Georg Simmel “Sociologia: estudos sobre as formas de sociação” com primeira versão publicada em 1908, foi recebido de maneiras variadas nos diversos círculos intelectuais. Sem uma visão unanime, as diferentes edições, assim como o contexto da época foram cruciais para a maneira contraditória com que a Sociologia de Simmel foi recebida e interpretada por seus pares (Zabludowsky e Sabido, 2016).

São inegáveis as contribuições que seguiram à obra, mas o reconhecimento e ressignificação de Simmel, como um clássico, veio somente na década de 1980, após o grande impacto dos estudos sociológicos de Talcot Parsons (1937), que reuniu aqueles que mais tarde seriam considerados os pais fundadores da teoria sociológica, entre eles Simmel (ZABLUDOVSKY e SABINO, 2016, p. 12).

A obra “Sociologia: estudos sobre as formas de sociação” é conhecida como “A Grande Sociologia”, devido as suas mais de 800 páginas e é a partir dela que serão extraídas as questões sociológicas de Simmel que interessam ao presente estudo. Incorporam-se, também alguns esclarecimentos obtidos a partir da Pequena Sociologia, como é conhecido seu muito menor e mais sucinto, com cerca de 100 páginas “Questões fundamentais da sociologia: Indivíduo e sociedade”, publicado originalmente em 1917.

Para analisar as relações sociais dos jovens consumidores de maconha, utilizaremos o conceito de Simmel de *formas sociais* que o autor desenvolve na sua sociologia pura ou formal, a área da sociologia que, segundo ele, descreve diretamente as formas de sociação entre indivíduos (SIMMEL, 2006).

Para Simmel:

A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses — sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados —, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (SIMMEL, 2006 p.46).

O autor sintetiza as principais formas de interação social que encontrou, que utilizando a terminologia weberiana, seriam espécies de tipos ideais. Aqui serão expostas muito brevemente aquelas que se aproximam mais aos tipos de interação que iremos encontrar. São elas: *a subordinação, o secreto e o estrangeiro*.

No que se refere à *subordinação*, Simmel diz:

Uma ação recíproca naquele desejo abstrato de domínio que se dá por satisfeito diante da ação ou a passividade do outro ou quando seu estado positivo ou negativo aparece ao sujeito como produto de sua própria vontade (SIMMEL, 2015, p. 165).

Mais do que a utilização de um ser humano por outro como um simples meio, trata-se de uma forma de interação social recíproca entre dominador e subordinado. Mesmo em casos de dominação extrema, Simmel aponta que enquanto houver a mínima liberdade de ambas as partes, ainda será uma interação social, deixando de ser essa forma social somente quando há uma total indiferença ou a falta de liberdade daquele que pode ser subordinado. Aponta, ainda, que a liberdade do subordinado só é findada realmente através de “coerção física imediata” (2021, p. 166).

A dominação pode ocorrer através de um indivíduo dotado de características que inspirem confiança, a ponto de objetivamente conceder-lhe algum nível de autoridade, ou através de um poder supraindividual que o coloque em posição dominante e que individualmente ele não seria capaz de atingir, isto é, fazendo parte de alguma organização ou instituição que o coloque nesta posição.

Além de superioridade de um ou uns sobre outro ou outros que aceitam passivamente a dominação, a subordinação se caracteriza por uma ação recíproca bastante complexa através de formas espontâneas diversificadas.

O autor classifica a *subordinação* em três formas: por um indivíduo, um grupo ou um poder objetivo. Por sua vez, a forma de subordinação pode gerar unificação ou dissociação do grupo subordinado (2015, p. 172). Tal unificação do grupo subordinado pode ocorrer através de nivelção e hierarquia.

No que diz respeito à *subordinação* das minorias por majorias, decisões aceitas em acordo pela minoria, se dão porque “a unidade do conjunto deve sempre primar sobre os antagonismos das convicções e dos interesses [pessoais]” (2015, p. 219). A votação é uma boa

estratégia na tomada de decisões, pois preserva a interação social, uma vez que a força física da maioria é logicamente maior que a da minoria, e constrangeria fisicamente o grupo subordinado.

Simmel aponta que todas as relações humanas “repousam, naturalmente, no fato de que eles sabem algo uns dos outros”, que a intensidade das interações está proporcionalmente relacionada ao “grau em que cada parte se revela a outra” (2015, p.371). Agora, passando à forma social do *secreto*, esta nada mais é do que aquelas partes de si que o indivíduo opta por não compartilhar com os demais. Algumas partes permanecem no âmbito individual e mesmo que compartilhadas com seus entes mais íntimos, ainda passam por filtros pessoais que ocultam fragmentos que o indivíduo opta por manter em segredo.

Sobre as relações sociais íntimas, o autor expõe que mesmo estas precisam de certo distanciamento e pausas. Seu encanto e a intimidade em si dependem de certa ignorância e variável dissimulação recíprocas. (2015, p. 379)

Quanto às associações para fins determinados, por exemplo as relações profissionais, estas compõem a forma sociológica discreta por excelência, sendo que seus membros não precisam conhecer psicologicamente uns aos outros.

Para Simmel:

(...) Não é mais que o sustentáculo de um ato preciso, de uma prestação determinada, sendo absolutamente indiferente conhecer as motivações individuais que o determinaram, ou mais genericamente saber qual é a pessoa que está por trás desta ação (SIMMEL, 2015, p. 379).

Além das sociações para fins determinados, Simmel fala das sociações em que se trava o conhecimento, em que se trata não de reconhecer o ser de um indivíduo, mas sim, reconhecer sua existência, por exemplo, conhecer alguém somente pelo nome. Nesse sentido, o que sabemos do outro, quando travamos conhecimento, não passa da representação social que ele nos oferece. Travar conhecimento de maneira nenhuma nos apresenta parte alguma do *secreto* de um indivíduo.

Respeitar a representação social do indivíduo é respeitar sua honra e invadir aquilo que não foi representado é, pelo contrário, desrespeitá-la (2015, p. 383). Saber o limite da fronteira em que o desinteresse por discrição começa atrapalhar as relações de interdependência sociais, além de tato social ou conhecimento das relações, é uma decisão pessoal que não passa por nenhuma norma geral.

Já nas relações que dependem do conteúdo pessoal integral, sendo as principais as conjugais e as amigáveis, o limite da fronteira é mais difícil de se estabelecer para o indivíduo moderno. As amigáveis, Simmel diz:

Exigem que os amigos se abstenham de penetrar nas esferas de interesse ou de sentimentos que não estejam compreendidas em sua relação e cujo respeito é necessário para que não se faça sentir dolorosamente o limite da mútua inteligência (SIMMEL, 2015, p. 387).

Por sua vez, nas relações conjugais, a determinação daquilo que deve ser compartilhado ou reservado é muito mais complicada, pois o compartilhamento inteiro daquilo que deveria ser segredo pode ruir a relação, da mesma forma que o não compartilhamento pode ter o mesmo efeito.

A reciprocidade que os indivíduos compartilham em manter o segredo e acatar os segredos alheios, é considerada por Simmel uma das maiores conquistas da humanidade, pois é o que nos permite um alargamento da vida com inúmeros conteúdos existenciais mantidos em sigilo (2015, p. 391).

Por fim, passa-se para a apresentação da questão do *espaço* e do *estrangeiro*, terceira forma social analisada neste enquadramento teórico de Simmel. Para o autor, a importância sociológica do espaço está em sua organização e na síntese de suas partes. Nesse sentido, as formas sociais são atos de preencher espaços. A transformação do vazio para um espaço preenchido se dá, sociologicamente, a partir da interação de dois ou mais indivíduos.

Ao tratar do espaço sociológico, surge o conceito de *fronteira*, extremamente importante nas relações humanas para além do viés sociológico.

O autor diz que a noção de *fronteira*:

Frequentemente indica que uma personalidade encontrou seus limites, especialmente no que tange a seu poder ou a sua inteligência, à sua capacidade de sofrimento ou de prazer – sem, contudo, começar nesse ponto a esfera de outra personalidade, cuja própria fronteira deixaria mais visíveis os limites da primeira personalidade (SIMMEL, 2015, p. 668).

É uma ação recíproca em que cada um – ou uns – expressa seu limite em relação ao outro – ou outros. A partir desta fronteira surge o conceito de estrangeiro, definindo àquele que se estabeleceu no grupo, permeando a fronteira, mas não se fixou ainda por completo. Sua posição é determinada pelo fato de que não fez parte do grupo desde sempre e de que possui características e qualidades que, logicamente, não se originam neste grupo (SIMMEL, 2015).

Mas, o estrangeiro é um elemento do grupo, é justamente sua condição de estrangeiro que o torna um componente. Embora não possa reivindicar a “terra” (Ibid, p. 735), ele estabelece com o grupo relações específicas através de sua natureza forasteira. Simmel indica que estas relações se dão por sua condição e da mesma forma são minadas por ela, pois mesmo

nas relações mais íntimas entre o estrangeiro e um indivíduo do grupo, o último pode sentir a estranheza de se relacionar com um homem sem ligação permanente. Ou ainda, pode sentir como se a relação de exclusividade que pensa compartilhar com o indivíduo estrangeiro não passa de uma relação comum que o estrangeiro compartilha com outros indivíduos do grupo.

Observou-se nesta seção três formas de sociação propostas por Simmel que serão de utilidade na análise do objeto empírico deste trabalho.

## 2.2 HOWARD BECKER, OUTSIDERS E A TEORIA DO DESVIO

Através dos estudos situados dentro do Interacionismo Simbólico, Becker e seus colegas da Escola de Chicago, Erving Goffman inclusive, que será analisado na seção seguinte, revolucionaram o termo e o campo de estudos do desvio (BERK, 2015).

A partir da pesquisa que originou *Outsiders*, o autor transformou o pesquisar em sociologia e inspirou inúmeros autores no que diz respeito à investigação urbana e aos estudos interacionistas, como por exemplo a obra do antropólogo brasileiro Gilberto Velho.

Em uma crítica à visão funcionalista que percebe o desvio como um afastamento da norma e, portanto, um problema a ser resolvido, no livro *Outsiders* publicado pela primeira vez em 1963, Howard Becker, expoente da Escola sociológica de Chicago, analisa o desvio não como uma patologia social, mas como uma ação conjunta entre o grupo que impõe determinada regra e outro que realiza uma ação que vai em sentido contrário à mesma. Este grupo pode chegar a ser rotulado como *outsiders* pelos juízes que os julgam.

Becker afirma: “(...) grupos sociais criam desvio ao fazer as regras cujo a infração constitui desvio, e ao aplicar essas regras a pessoas particulares e rotula-las como *Outsiders*” (2008, p. 22). Dessa maneira, o desvio é resultado de uma interação social composta pela imposição de determinada regra e por uma ação que vai em outro sentido por parte de um indivíduo. Dessa interação emerge a rotulação do indivíduo “desviante” como *Outsider*.

Sendo assim, o autor destaca que mais do que a infração de uma regra, o ato desviante é aquilo rotulado pelos demais como tal (2008, pág. 22). Não é porque uma ação infringe alguma regra que ela se torna um desvio. Para que isso ocorra, é necessário que esta ação seja rotulada como desviante pelos impositores de regras.

Becker aponta que a reação ao ato “desviante” é extremamente variável e conseqüentemente, o peso dos rótulos impostos também. As regras são impostas a diferentes pessoas de diferentes maneiras. Como exemplo, o autor traz as diferenças de tratamento aos infratores juvenis de classes mais abastadas em comparação com o aplicado aos de classes mais

pobres, assim como a diferença de aplicação das leis no que diz respeito a cidadãos negros e brancos (2008, p. 25).

Embora não seja a única “molécula” compositora do desvio, a rotulação é parte bastante importante do “ato desviante”, pois ela muda a vida do ator rotulado, colocando-o em situações que podem dificultar uma rotina considerada normal, incitando inclusive à continuidade de sua carreira desviante (2008, p. 181). O grau de influência da rotulação varia de acordo com o caso, uma questão empírica a ser analisada especificamente, como sugere o autor.

Ademais da definição do *Outsider*, Becker apresenta também, a definição dos grupos sociais que criam e aplicam as regras, os “Empreendedores Morais”, os quais o autor divide em dois grupos: criadores de regras e impositores das regras.

Quanto aos criadores, o autor fala do *reformador cruzado*. Usa o termo “cruzado” para descrever indivíduos que acreditam em sua missão como sagrada, como uma busca por extirpar o mal, através de novas regras, pois as já existentes não os satisfazem (2008, pág. 153). Tais cruzadas são empreendidas por pessoas estabelecidas em níveis superiores na estrutura social, e muitas vezes obtém apoio político de outros grupos com interesses menos nobres, como industriais, por exemplo. Tais reformadores apelam a especialistas na construção da legislação que formaliza a regra, tais como psiquiatras, juristas e agências governamentais.

Após uma cruzada bem sucedida, ou seja, que originou um novo conjunto de regras, um segundo grupo de empreendedores morais é necessário: os impositores das regras. É o estabelecimento de organizações impositoras que institucionaliza a regra. O principal exemplo de grupo impositor, trazido por Becker, é a polícia, que tem dois interesses principais: justificar a existência de sua posição e ganhar o respeito daqueles com quem lida (2008, pág. 161).

Em seu livro, Becker trabalha, na Chicago dos anos 1950, com dois tipos de desviantes: músicos de jazz e usuários de maconha. Com uma escrita direta e simples, Becker envolve o leitor em sua investigação, quase como se estivesse lendo uma ficção, apresentando a carreira e as ações desviantes dos indivíduos que participam de seu trabalho de forma cativante.

### 2.3 O ESTIGMA DE ERVING GOFFMAN

Assim como Becker, Goffman fez parte do prestigioso Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago entre os anos 1940 e 1950. Com uma proposta de investigação do cotidiano, teve por vezes sua sociologia classificada, pejorativamente, como micro (VELHO, 1985).

No Brasil, foi por fim dos anos 1960 que sua obra ganhou espaço, principalmente através das investidas acadêmicas de Gilberto Velho (VELHO, 2002).

O presente trabalho buscou nas obras “A representação do eu na vida cotidiana”, publicado pela primeira vez em 1959 e no clássico “Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” de 1963 – assim como *Outsiders* de Becker –, as reflexões necessárias para entender as estratégias de controle de informação aplicadas por jovens consumidores de maconha em suas micro relações sociais.

Em “Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada”, Goffman faz, em suas *Noções Preliminares*, a distinção entre a “identidade social virtual”, referente a pré-concepções que fazemos sobre um indivíduo quando este nos é apresentado, isto é, as expectativas normativas que o indivíduo deve preencher para nós; e a “identidade social real”, ou seja, a categoria e os atributos que o indivíduo de fato possui (1981).

É neste processo de interação, que pode se apresentar, dentre as características do indivíduo, alguma:

(...) que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande - algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem - e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real (GOFFMAN, 1981, p.6).

Goffman fala de três estigmas diferentes. O primeiro é ligado às deformidades do corpo, sendo um estigma das doenças e deformidades físicas do indivíduo. O segundo são os estigmas de juízo moral, referentes ao seu caráter, incluindo desde situações de desemprego até o “vício” em álcool, ou, no caso que estamos aqui estudando, especificamente, o consumo de maconha. E o terceiro é o estigma de origem étnica.

O autor divide ainda os estigmatizados em dois grupos: os desacreditados e os desacreditáveis. Quando o estigma é percebido pelos “normais” antes mesmo da apresentação do indivíduo ou no momento em que ele é apresentado, este indivíduo passa a ser desacreditado. Agora, quando esta discrepância entre a identidade social virtual e a identidade social real não é exposta no primeiro momento de apresentações, ou não é conhecida previamente, a pessoa estigmatizada não é desacreditada e sim desacreditável.

Além da manipulação das tensões geradas no contato social, há para a pessoa desacreditável uma outra possibilidade enquanto estigmatizada, a manipulação de informações sobre o seu “defeito”, a oportunidade de escolher entre exibição e ocultação (1981, p. 38).

Um conceito importante para esta discussão é o de informação social, que é definido, por Goffman, da seguinte maneira:

[Informação] sobre um indivíduo, sobre suas características mais ou menos permanentes, em oposição a estados de espírito, sentimentos ou intenções que ele poderia ter num certo momento. Essa informação, assim como o signo que a transmite, é reflexiva e corporificada, ou seja, é transmitida pela própria pessoa a quem se refere, através da expressão corporal na presença imediata daqueles que a recebem (GOFFMAN, 1981 p. 39).

Nesse sentido, o autor chama os signos como transmissores frequentes e regulares de símbolos, que combinados com outros signos formam a imagem que se tem de um indivíduo. Tais símbolos podem expressar posição desejável, sendo assim um “símbolo de prestígio” ou, em contraposição, podem expressar determinada discrepância entre o que se projeta do indivíduo e o que ele realmente apresenta, portanto, um “símbolo de estigma”. Ou ainda, em uma terceira via, o autor apresenta o “símbolo desidentificador”, que age em favor do ator quebrando uma imagem pré-estabelecida, proporcionando um controle da informação.

Em “A representação do eu na vida cotidiana” (1985) Goffman divide a expressividade do indivíduo em duas categorias: a primeira sendo a expressão transmitida, ou seja, aquilo que através de símbolos e da enunciação o ator expressa propositalmente; e a segunda apontando para uma comunicação mais ampla, isto é, para as ações que podem ser consideradas pelos demais como contrárias às informações transmitidas. O autor argumenta que esta diferenciação é válida somente num primeiro momento, pois as informações expressadas podem ser manipuladas pelo ator, no primeiro caso indicando fraude e no segundo dissimulação (1985 pág. 12).

Este *controle de informações*, categoria de análise extremamente relevante para o autor, é intencional e varia de acordo com o objetivo do ator, mas a principal finalidade será “regular a conduta dos outros, principalmente a forma como o tratam” (GOFFMAN, 1985, p. 13).

No que se refere ao estudo do consumo de maconha, como o proposto neste trabalho de conclusão, levando em consideração a vida cotidiana do indivíduo, é necessário atentar-se a uma perspectiva especial: “se o indivíduo é uma pessoa desacreditada, procuramos o ciclo cotidiano de restrições que ele enfrenta quanto à aceitação social; se ele é uma pessoa desacreditável, buscamos as contingências com que se depara na manipulação da informação sobre sua pessoa” (GOFFMAN, 1981, p. 80).

No segundo caso (pessoa desacreditável), é possível verificar várias técnicas de controle da informação – além dos símbolos desidentificadores – por parte dos indivíduos estigmatizados, o que lhes permite manipular informações fundamentais sobre si em relação

aos “normais”. Dentre elas, as mais relevantes para o presente estudo são a ocultação dos símbolos estigmatizantes, ou ainda a recusa em usar um símbolo de estigma, como por exemplo, um cego que se recusa a utilizar a bengala para se locomover; o encobrimento do estigma dentro de um ciclo específico; a substituição dos signos de um estigma por um outro menos expressivo; o manuseio dos riscos de acordo com os grupos que mais e menos os impõem, compartilhando com determinados grupos mais ou menos informações de acordo com o que eles representem.

Afora as técnicas empreendidas pelos próprios desacreditáveis, o círculo íntimo do indivíduo pode não só o ajudar no encobrimento como também o levar a acreditar que é mais aceito pelos normais do que de fato é. Além disso, indivíduos que compartilham da mesma característica estigmatizante – por exemplo, consumidores de maconha – podem formar um círculo de cooperação mútua.

Deste modo, fica evidenciado o porquê das teorias de estigma e de representação de Goffman serem tão amplamente exploradas nos estudos com usuários de drogas (ZANOTTO e ASSIS, 2017; QUIXABA e SCHEFFER, 2015; OLIVEIRA *et al*, 2019).

### **3. ANÁLISE EMPÍRICA: ENTREVISTAS COM JOVENS USUÁRIOS DE MACONHA NA CIDADE DE PELOTAS**

Nas seções deste capítulo, é exposta a análise dos dados coletados em campo sob a perspectiva teórica apresentada anteriormente. A exposição das entrevistas realizadas é dividida em três seções, ou três tópicos que foram trabalhados no roteiro das perguntas a fim de atingir os objetivos de pesquisa propostos. Cada tópico utiliza a teoria de cada um dos autores supracitados para analisar as respostas obtidas durante o estudo. Os tópicos são: relação com os grupos; rótulos predominantes e estratégias de controle de informação.

#### **3.1 RELAÇÕES COM OS GRUPOS**

Nesta seção serão analisadas as formas de sociação dos jovens que participaram deste estudo, procurando entender como se relacionam dentro dos grupos sociais que circulam e de que maneira o uso de maconha permeia estas relações.

No que diz respeito aos diferentes grupos com os quais se relacionam, todos os entrevistados citaram a família e os amigos, alguns deles dividindo as suas relações de amizade entre amigos que consomem maconha e amigos que não consomem. Aqueles que trabalham mencionaram também seus colegas de trabalho como um outro grupo de convívio.

Quando perguntados diretamente se sentiam que compartilhavam com estes grupos uma relação de igualdade ou de subordinação, a maioria dos entrevistados não se sente em uma relação de subordinação.

Considerando que a relação de subordinação é uma relação de reciprocidade (SIMMEL, 2015), a maioria dos entrevistados procura não participar de sociações em que ocupem esta posição.

No entanto, um dos entrevistados que é estudante e mantém relações profissionais entende que ocupa um lugar de subordinação dentro dos grupos profissional e acadêmico, o que o leva a manter em sigilo sua situação de consumidor em relação aos seus “superiores”. Ele diz: “Dentro do trabalho é bem subordinação, dentro da faculdade eu também percebo [em relação aos professores]” (Murilo, 29 anos, trabalhador e estudante).

Outros entrevistados, que se sentem em situação de igualdade justificam esta relação. Giovana, por exemplo, conecta sua relação de igualdade a sua situação socioeconômica<sup>3</sup>.

Eu reconheço meus privilégios porque eu sou branca, eu não passo por uma situação precária financeiramente e eu acho que esse tipo de coisa conta muito [para não fazer parte de relações de subordinação], porque eu acho que o meu receio de fumar maconha na rua foi muito menor do que de uma pessoa... Um morador de favela, uma pessoa preta, indígena e por aí vai, né? (Giovana, 22 anos, estudante)

Já Leandro (27 anos, trabalhador) entende que não compartilha uma relação de subordinação com nenhum dos grupos com os quais convive. No entanto, associa as relações de igualdade com o “fazer um bom uso da maconha”, no sentido de não consumir uma quantidade exagerada a ponto de transparecer os sintomas do consumo. Mas, não querer transparecer os sintomas do uso sugere que compartilha uma relação de subordinação, em que aparentar estar sob o efeito da maconha o prejudicaria de alguma forma. .

A forma social de subordinação nas sociações estabelecidas por fins determinados (Simmel, 2015), que é o caso das relações profissionais, pode ser combinada ou substituída pela forma do secreto. De acordo com Simmel (ibid), tais relações não precisam de um conhecimento pessoal do outro para se manter; o conhecimento de que o outro precisa atingir um fim, neste caso, o profissional, é o bastante para que se estabeleça uma relação de reciprocidade.

Sendo assim, aqueles entrevistados que mantêm relações profissionais costumam manter em sigilo, pelo tempo que seja possível, o traço pessoal de consumir maconha. E quando este tempo se esgota, geralmente quando ocorre um questionamento direto de seus colegas de trabalho, todos os entrevistados optam por expor somente a informação mínima, isto é, declaram que “fumam maconha”, sem dar mais abertura para que se estendam os questionamentos. Além disso, procuram sempre agir com “naturalidade”, para estabelecer este limite do que querem manter em sigilo do grupo.

Olha, eu tento tratar com bastante naturalidade pra que as pessoas não se sintam à vontade pra me falar opiniões erradas que elas têm, sabe? Tento me colocar numa posição de quem vai saber, tipo, se eu [a pessoa] falar alguma coisa pra ela eu sei que ela vai revidar sabe, eu sei que ela vai ter uma resposta (Ana, 23 anos, estudante e trabalhadora).

---

<sup>3</sup> A percepção de Giovana se mostra de acordo com Melo (2020), que em sua dissertação verificou a maior facilidade com que indivíduos com as condições sociais parecidas com as relatadas por Giovana conseguem manter o consumo de maconha.

Quando a informação de que Ana fumava maconha surgiu para as colegas de trabalho, a naturalidade com que ela encarou a interação, preservou as partes deste traço que ela não gostaria de expor ou discutir no ambiente profissional, Ana disse:

Apesar de eu saber que elas têm... por exemplo, uma delas tem um filho de 19, 20 anos e ela não gosta que ele fume, quando ela fala dele, ela fala com um pouco mais de afinho assim, que ela não gosta. Quando sou eu que tô falando dá de ombros, sabe? (Ana)

Esse padrão de resposta se verifica em grande parte dos outros entrevistados. Caio, 25 anos, trabalhador, diz: “Quem sabe, sabe, quem não sabe eu nem toco nesse assunto”. Mas assim como Ana e a maioria dos outros entrevistados, se questionado diretamente ele diz: “Eu, com certeza, afirmo que fumo”.

Quanto as sociações formadas por “trava de conhecimento”, associação concebida por Simmel como um saber da existência de um indivíduo, mas sem interesses mais profundos no ser do outro (2015), todos os entrevistados declaram que são consumidores em sigilo.

Agora, nas relações em que se exige um conhecimento profundo da personalidade do outro, é mais complicado manter o segredo. Dentre os grupos com os quais os jovens compartilham uma relação íntima, as famílias é onde enfrentam mais problemas quanto ao consumo de maconha, inclusive naquelas como as de Ana e Caio, onde outros integrantes já eram consumidores.

Eu sou filha de uruguaio, eu venho de uma família uruguaia e conforme eu fui crescendo assim na minha adolescência, eu fui começando a perceber que algumas pessoas da minha família fumavam maconha. Era algo que não era um tópico. Algumas pessoas da família gostavam, outras não [...] Eu vi minha mãe toda vida tratar com muita naturalidade, assim, pra ela nunca foi um [tabu]... Eu nunca a vi falar de maconheiros ou de maconha com um olhar pejorativo, sabe? [...] E quando minha mãe ficou sabendo, ela recebeu com um olhar muito feio assim, sabe? Que eu não esperava, eu nunca esperei. Quando eu comecei a fumar maconha, eu não fui contar pra ela ‘Ah, ó mãe, tô fumando maconha’, não. Ela descobriu, mas eu achei que... Nunca imaginei que ela fosse ter a reação que ela teve, assim. Mas, isso já faz algum tempo, hoje em dia ela já trata bem de boa. (Ana)

Boa parte da família de Caio consome maconha, inclusive seus avós, mas no momento em que ser consumidor deixou de ser um sigilo para seus pais, houve bastante conflito, o que desestabilizou um pouco a relação de Caio com eles: “Com meu pai e com minha mãe foi bem ruim, porque eles são os únicos que não fumam, né? Então foi mais sinistro, teve muita briga de início, por negação deles”.

Dentre os oito entrevistados, somente Renato mantém no âmbito familiar o segredo de consumir maconha. Quando perguntado diretamente, ele afirmou manter uma relação de igualdade com todos os grupos com que se relaciona, mas por ser estudante em tempo integral e depender completamente de sua família para se manter na cidade enquanto conclui sua

graduação, acaba mantendo uma relação de subordinação em relação aos pais. Esta interação se mantém pacífica justamente porque Renato, estudante de 22 anos, consegue manter essa característica somente para si enquanto filho de uma família rígida no que diz respeito ao consumo de maconha. Manter este sigilo é facilitado pelo fato de não morar na mesma cidade que os pais.

Eu tenho que esperar, tipo, estar sempre estabilizado, mostrar, porque é aquela coisa, você tem que mostrar pra eles que isso não vai afetar o seu futuro. Porque como você não está com o futuro consolidado, então, tipo, pode ser um problema ainda. Então, quando você estiver com o futuro já, tipo, vai, “olha aqui, pago minhas contas, tenho minha vida e vivo bem”, então eu posso falar, porque aí eles vão ver, tipo, tá, não mudou nada. Obviamente vão ficar putos, vão ficar todos, mas já tira o estigma do tipo ‘vai afetar o seu futuro’ (Renato, 22 anos, estudante)

Já nos relacionamentos amorosos, procuram estabelecer este tipo de relação íntima com quem já tem conhecimento prévio de sua condição de consumidor. Por sua vez, é de consenso geral entre os participantes da pesquisa que o maior conforto em sair do sigilo ocorre no grupo de amizades.

A maior parte dos amigos dos entrevistados também consome maconha e com estes estabelecem uma socição que se fortalece, por compartilharem um ato “desviante” de uma regra imposta legalmente por empreendedores morais (BECKER, 2008). Murilo diz que “é muito mais fácil para mim criar relações com quem fuma maconha”.

Por serem um grupo subordinado a uma regra aceita pela maioria, de que consumir maconha é ilegal no país, por vezes, podem se sentir como se formassem uma sociedade secreta por praticarem este ato desviante. Quando perguntados diretamente se sentem como se formassem uma sociedade secreta por serem consumidores, as respostas foram diversas. Alguns afirmaram que sim, enquanto outros que não.

Dentre os que afirmaram que não, isso se deve ao fato de lidarem muito naturalmente com o consumo e que esta sensação de sigilo se desfez com o tempo. João, 28 anos, estudante e trabalhador, consumidor desde os 14 anos, diz: “Hoje é um pouco mais liberal, assim.”

Giovana, reconhece que o não se sentir parte de uma interação em que predomina o secreto tem a ver com os microgrupos com os quais se relaciona (sua família e seus amigos) que neste caso, são mais relevantes para esta percepção do que as leis da sociedade, pois quanto a estas, ela entende que está dentro de uma minoria passível de punição (Simmel, 2015). Ela entende que:

Algumas dessas pessoas têm esses receios muito fortes que a gente falou para alguns grupos, onde elas se sentem rejeitadas, onde elas se sentem excluídas, elas justamente escondem e podem se sentir parte de uma sociedade secreta. (Giovana)

Esta ideia é compartilhada por Renato, como se observa no diálogo mantido com a entrevistadora:

Entrevistadora: Tu achas que junto com teus amigos que tu consumes maconha, tu dirias formar uma sociedade secreta com eles?

Renato: Meio que sim, porque assim, por mais que tu utilizes, sei lá, enrole ou alguma coisa, quando tu tá na rua, tu tens que prestar atenção e tudo mais, porque tipo assim, a minha família não pode saber de jeito algum.

Quanto a formarem um grupo unificado com outros consumidores, pelo fato de serem uma minoria em subordinação a uma maioria (Simmel, *ibid*), os entrevistados relataram forte identificação com outros consumidores, mesmo aqueles com quem estabelecem somente a “trava de conhecimento”, proposta por Simmel, como forma de interação social.

Caio afirma se sentir estrangeiro em relação à sociedade em geral, e enxerga em outros usuários o mesmo sentimento, em diálogo com a entrevistadora ele diz:

Caio: Acho que eu faço parte de uma outra sociedade também. Sabe, a gente consegue se diferir, se conhecer, se conectar inconscientemente, é natural também, é tudo muito natural.

Entrevistadora: Porque faz parte da rotina?

Caio: Também. É, a rotina, sei lá, eu acho que até tanto visualmente, sei lá, no semblante, no jeito de se portar, é isso. O jeito de se portar pra sociedade comum, vamos botar assim.

E Marcos, 29 anos, trabalhador e músico, compartilha de um pensamento que vai no mesmo sentido: “[...]Acho que até a maconha é tão disseminada hoje em dia que tu te inseres num grupo que vira uma própria sociedade por si só”. No entanto, ele não entende esta sociedade como secreta:

Não chega a ser tão secreto assim, mas é um clube do Bolinha. Uma coisa do tipo, que enquanto tá entre pessoas que fumam e tem alguém que não fuma, aquela pessoa acaba sendo excluída de certa forma pelo fato de não compartilhar do mesmo ritual, digamos assim. Eu acho que isso é natural em qualquer situação. (Marcos)

Marcos percebe como o grupo considerado *outsider*, neste caso os consumidores de maconha, considera *outsiders* aqueles que estão de fora do grupo considerado desviante<sup>4</sup>.

Por fim, a resposta de Giovana coincide bastante com a ideia de estrangeiro proposta por Simmel (2015), em que justamente por ter características forâneas, o indivíduo, ou neste caso o grupo estrangeiro – maconheiros – compõe o grupo maior – sociedade.

---

<sup>4</sup> Como estabelecido por Becker (2008).

Veja-se o seguinte diálogo:

Entrevistadora: Tu dirias que sente como se não fizesse parte da sociedade por ser consumidora de maconha?

Giovana: Não, na verdade eu me sinto bem parte da sociedade, até porque eu acho que é muito alto o índice de pessoas que fumam maconha, entra na mesma, quase que a mesma quantidade de álcool e tabaco.

Entretanto, esta percepção não foi um consensual entre todos os participantes. João, por exemplo, aponta o seguinte sobre sentir-se excluído da sociedade: “Um pouco sim. [O fato de fumar maconha] às vezes afeta, sabe? Tipo, tu entrar em um local, entendeu? A forma como tu vai ser recebido.”

Já, Leandro, que fuma desde a pré-adolescência, aponta que o sentimento de estranheza para com o restante da sociedade antes era maior, mas que diminui com o tempo: “Ah eu me sinto... Me sinto um pouco [fora da sociedade]. Não me sinto tanto porque ao longo da minha vida eu aprendi também a usar em diversos lugares, sabe? Saber me colocar como usuário.”

Ou seja, Leandro sente-se mais inserido na sociedade por causa das estratégias de controle de informação que utiliza (GOFFMAN,1981), análise que aprofundaremos na seção 3.4 deste capítulo.

Portanto, nesta seção foi possível verificar os grupos com os quais os jovens consumidores de maconha se relacionam, sendo estes a família, os amigos e o âmbito acadêmico e o grupo de colegas de trabalho quando este jovem está envolvido em um ambiente profissional.

Verificou-se que mesmo quando sentem compartilhar uma relação de igualdade com todos os grupos, por vezes a forma social que se estabelece é a de subordinação (SIMMEL, 2015). Além da subordinação, foi possível verificar a forma social do secreto (SIMMEL, *ibid*), no que diz respeito ao consumo de maconha, que costuma surgir sempre nas relações em que este jovem estabelece somente uma “trava de conhecimento” (SIMMEL, *ibid*) e por vezes nas relações em que o jovem ocupa um lugar de subordinação, por exemplo, dentro do grupo familiar.

Por fim, foi no grupo de amigos em que o secreto menos se estabeleceu, devido a formarem grupos de amigos em que todos são consumidores de maconha, fato que os une como minoria diante da maioria apoiadora da regra que aponta fumar maconha como errado e ilegal. Esta união por vezes faz com que estes jovens sintam que fazem parte de um grupo estrangeiro dentro da sociedade (SIMMEL, *ibid*).

### 3.2 RÓTULOS PREDOMINANTES

Consumir maconha é uma característica precedente para a formação de estigmas sociais em relação a pessoas que a desenvolvem essa prática (GOFFMAN, 1981). Neste sentido, o grupo de consumidores que realiza uma ação que acaba questionando uma regra imposta de que fumar é errado/ ilegal fica exposto à rotulação por parte dos grupos com os quais convive (BECKER, 2008). Posto isto, analisar os rótulos percebidos pelos jovens estudados, enquanto consumidores de maconha, assim como a possível variação deles de acordo com os grupos, foram objetivos estabelecidos para esta pesquisa, como já foi colocado no início deste trabalho.

De acordo com Becker (ibid), a reação ao ato “desviante” varia de acordo com a interação e o peso dos rótulos. De maneira geral, os entrevistados apontaram um rótulo em comum: o de “vagabundo”. Todos apontaram essa visão pejorativa, de que não eram esforçados, a qual é sentida num primeiro momento em que o grupo o rotula como maconheiro, Murilo diz: “Percebo esse ponto de vista das pessoas, acho que a primeira coisa que a pessoa que é antagônica vai dizer: ‘ah, isso é coisa de vagabundo’”. Este rótulo além de ser comum em todos os relatos, se repete também nos grupos de convívio, exceto nos de amizade.

No entanto, esse rótulo perde a força até mesmo para os grupos que o aplicaram, pois, através do aprofundamento das interações, o grupo que assume uma postura rotuladora, começa a entender o consumo de maconha apenas como uma parte do ator rotulado e não como um ato determinante que define sua personalidade. Caio diz:

Acaba que cai por terra porque eu fumo maconha e levo uma vida normal, sempre, desde que fumei maconha, sempre quis, sempre tentei, sempre trabalhei. E até pra pagar o consumo tem que trabalhar, né? Tem que ter o dinheiro, então... Esse rótulo de vagabundo que muitas vezes usam eu acho que não faz sentido (Caio).

Além deste, outros rótulos percebidos geralmente estão relacionados com outras características pessoais de cada um, a parte do fato de consumirem maconha. Marcos, por exemplo, que é músico, e utiliza um estilo mais alternativo relata:

Comunista, sei lá, por mais que eu nunca tenha feito uma faculdade. Eu viro o esquerdista de universidade...Ou eleitor do Lula, uma coisa assim. Porque, por exemplo, quando pega uma parte da minha família que, uma parte da minha família tem que lidar, por exemplo, com o fato de eu consumir maconha surge essa questão, porque geralmente os nossos familiares mais velhos, eu não sei se tem família de petista por aí, deve ter, mas a minha família, todo mundo é do outro lado. E eu não tenho nenhuma ideia política formada, assim, não me importo nem um pouco com isso. Mas, eu sempre tenho o rótulo de, acabo tendo o rótulo de esquerdista. Por essa questão polarizada que a gente vive hoje (Marcos).

Leandro relata que percebia mais rótulos quando era mais novo, pois começou a fumar com 12 anos. Hoje com 27 anos ele não percebe mais rotulação dentro dos grupos com os quais ele estabelece uma interação social que passa da trava de conhecimento (SIMMEL, 2015). Ele diz:

Quando eu fumava, assim, muito pequeno ‘ah, aquele menor, maconheiro, ah, não vai ter futuro, não vai...’. Eles sempre agregam...O problema é que eles sempre agregam a outras coisas, né? Que às vezes a gente não passa muito perto [referindo-se à criminalidade]. Olha, hoje o pessoal que já convive mais comigo, que sabe...De outros valores, né? Que conhecem o Leandro. Elas sabem que o fato de eu usar a maconha não intervém em qualquer coisa que eles precisam se relacionar comigo (Leandro).

Mas, é nas interações que não passam da trava de conhecimento, em que o estigma de maconheiro se estabelece desde o primeiro momento (GOFFMAN, 1981). Por exemplo, quando Leandro consome maconha nas ruas do centro da cidade, ele diz: “Então, quando eu vou no centro, tem aquele pessoal que vê somente um cara que tá ali, talvez sentado na praça fumando, e tem aquele pessoal que tá passando e que tá rotulando um drogado”.

Além dos rótulos de outros grupos direcionados ao grupo de *outsiders* – neste estudo, jovens que consomem maconha – um outro rótulo foi mencionado durante as entrevistas: o de “jardineiros” usado dentro do grupo de amigos de Murilo para se referir aqueles que além de consumir, plantam sua própria erva. Ele diz:

E, inclusive, já cultivei cannabis durante um tempo, então tem grupos específicos, assim, que são cultivadores também, que são jardineiros, a gente gosta de chamar de jardineiros, que consomem, então cultivei, assim, nos últimos sete anos, eu cultivei cinco (Murilo).

Ao longo de suas trajetórias, os jovens entrevistados têm percebido diferentes rótulos, todos reunidos dentro do que alguns deles definiram como sendo o “estigma do maconheiro”. No entanto, tal rótulo não parece pesar na vida dos entrevistados, o que fica exemplificado nas seguintes falas de Marcos e Caio.

Eu acho que o rótulo do maconheiro ele é bem clichê já, bem tradicional para quem não tem, porque é aquela coisa que a gente teme, que a gente não compreende ou não conhece, tipo, quando a gente entra em contato com uma cultura, com um tipo de pessoa que a gente não tá acostumado a lidar, não tá acostumado a entrar em contato, não conhece ninguém daquele naipe, é normal que haja um tipo de afastamento, de distanciamento ou de preconceito. Mas nunca foi algo que me incomodou, o estigma de ser maconheiro, porque é algo que é ilegal e é algo que eu fiz a escolha de usar, então eu acho que quando tu fazes a escolha, tu tens que arcar com as consequências das tuas escolhas. Tipo, não é como se fosse tudo bem, ainda é ilegal, ainda é... Quando eu consigo a minha maconha é através do tráfico. Então não é algo que é aceito, então eu entendo que vá ter represarias, tipo, em estigmas. Isso é algo que tá no contrato de ser maconheiro (Marcos)

Ah, eu diria que maconheiro é maconheiro pra todo mundo. E diria que talvez o maconheiro deles, a interpretação deles de maconheiro é uma interpretação bem antiga ainda, bem ultrapassada. Acho que a vida avançou, as pessoas também avançaram e até o maconheiro avançou também. O maconheiro não tá mais de

bobeira, não quer mais ser vagabundo. Se quer fumar, quer fumar uma maconha boa, quer que legalize o quanto antes pra ser acesso a cada vez maconha mais pura e melhor (Caio)

No entanto, no que diz respeito à marginalização, somente os jovens consumidores habitantes de bairros periféricos e naturais da cidade expuseram relatos de opressão da minoria pela maioria através dos empreendedores morais responsáveis pela imposição das regras, neste caso, a polícia. Enquanto que os jovens vindos de outros lugares para estudar aqui não relataram situações do tipo.

Cinco dos oito entrevistados relataram já ter sofrido abordagens policiais na cidade: Ana, João, Marcos, Leandro e Caio, todos eles nascidos e criados na cidade de Pelotas. Dos cinco, a única que não relatou agressão física por parte da Brigada Militar, foi Ana, abordada no Porto, bairro permeado por quatro campus da Universidade Federal de Pelotas.

Através dos relatos de Leandro, fica ainda mais claro como o espaço em que as interações sociais se dão interferem diretamente no significado delas<sup>5</sup>.

Leandro percebe que a reação de agentes policiais costuma ser mais agressiva nos bairros mais periféricos. Mesmo ele respondendo educadamente aos policiais, não sendo reativo nem agindo de forma suspeita, ainda assim foi abordado com bastante violência por parte da polícia. Ele relata nunca ter sofrido uma abordagem policial no centro, mesmo quando os policiais o viram fumando maconha, mas no Loteamento Anglo, bairro periférico e bastante pobre de Pelotas, as abordagens costumavam ser bastante numerosas e violentas, o que ele relaciona não só ao local mas a sua cor também, visto que ele é um jovem negro.

Entrevistadora: Tu já tomou enquadros<sup>6</sup>?

Leandro: Já, muitos.

Entrevistadora: Tu já apanhou?

Leandro: Já, muito. Pela raça, pelo local, pelo horário, por estar com um baseado, por estar com uma ponta de baseado ou com cheiro de baseado (...) eu não vou mentir, eu já também, já teve situações, eu estava muito despercebido e não vi uma viatura e acendi meu baseado. E eles não darem nem bola! Nesses tempos eu passei na frente do Guarani e tava vindo duas motos [da Brigada Militar] bem naquela estradinha, e eu saí da praça, fumando e mexendo no celular, e não vi eles vindo na minha direção. Com certeza, na velocidade que eles estavam, eles sentiram o cheiro e viram a minha movimentação, fumando, mexendo, as mãos fazendo fumaça, e simplesmente não deram bola.

Já Murilo relata que nunca sofreu abordagem policial, nem nos anos em que cultivava maconha em seu apartamento. O que nos leva a mais um apontamento de Becker sobre os *outsiders*, os rótulos tem dois pesos e duas medidas, ou seja, os desviantes receberão diferentes reações mesmo que estejam cometendo o mesmo ato de desvio (BECKER, 2008). Posto isto, nesta seção foram explorados alguns rótulos predominantemente percebidos pelos jovens

<sup>5</sup> Como aponta Simmel (2015)

<sup>6</sup> Gíria para abordagem policial

consumidores de maconha entrevistados. Verificou-se que os diferentes rótulos percebidos se enquadram naquilo que alguns entrevistados chamaram de *estigma do maconheiro*. Os jovens outsiders percebem que os rótulos enfraquecem conforme os atores rotuladores passam a entender o consumo de maconha como apenas uma característica e não a característica determinante deles. De maneira que alguns dos rótulos percebidos atrelam-se a outras características pessoais além da característica consumir maconha.

Os jovens entrevistados sentem mais o peso dos rótulos nas interações em que são desacreditados desde o primeiro encontro (GOFFMAN, 1981), todavia, o peso e a influência dos rótulos na vida dos outsiders variam de acordo com cada interação e os atores envolvidos (BECKER, 2008). Da mesma maneira, as interações recebem influência direta do espaço em que ocorrem, (SIMMEL, 2015).

### 3.3 ESTRATÉGIAS DE CONTROLE DE INFORMAÇÃO

Posto que a característica estigmatizante – fumar maconha – é uma informação social (GOFFMAN, 1981), os jovens consumidores desacreditáveis, aqueles que não tem seu estigma exposto desde o primeiro encontro, buscarão manipular a informação que transmitem e emitem com o principal objetivo de “regular a conduta dos outros e principalmente a forma como os outros os tratam” (GOFFMAN, 1985 p.13). Nos grupos em que estes jovens podem vir a ser desacreditáveis, eles têm a opção de exibir ou ocultar seu estigma (GOFFMAN, 1981).

Existem algumas técnicas para levar adiante essa “manipulação”. Nesta seção, analisaremos como os jovens participantes da pesquisa lidam com a informação social de consumirem maconha e quais das estratégias colocadas por Goffman (1981) fazem parte de seu cotidiano.

A primeira técnica percebida é a ocultação ou recusa de um símbolo estigmatizante (GOFFMAN, *ibid*). João, por exemplo, usa colírios para se reunir com grupos os quais ele ainda não compartilhou sua prática. Dessa maneira, João oculta o símbolo estigmatizante que é a vermelhidão dos olhos, indício de uso de maconha. Ele diz:

Um exemplo claro assim [de estratégia de controle de informação], por exemplo, é o uso do colírio pra poder ir em muitos dos lugares, né? Que é algo que eu tenho condicionado pra vários locais, justamente por isso de que não tenham um tipo de preconceito, algo assim, que eu acho que ainda tem muito, né? (João).

Já Renato oculta os componentes e instrumentos que utiliza para consumo (seda, dichavador, etc.) <sup>7</sup> e principalmente a própria erva, quando visita a casa de seus pais em sua cidade natal. Ele relata: “Deixo, tudo guardado, tipo, umas coisas dentro de outras coisas, pra ninguém ver.”

Esta estratégia de Renato de não compartilhar com a família dele o seu estigma faz parte de uma outra técnica apontada por Goffman (ibid): o encobrimento do estigma para um grupo específico.

A recusa de um símbolo pode se dar também na não aceitação do rótulo de “maconheiro vagabundo” como determinante. Sobre isso, Giovana relata:

“É, tem gente [que fuma maconha] que eu vejo que se esforça mais na vida, muito mais pra questão de provar para as outras pessoas que sim, é capaz e tudo mais. E Ana diz: Talvez assim, não que se eu não fumasse maconha eu não fosse trabalhar e estudar, sabe, aí entra mais um ponto de que é só uma coisa normal que as pessoas fazem, mas, querendo ou não, comprovar que mesmo sendo maconheiro tu consegue ter uma vida normal, tu te afasta desse estigma de que o maconheiro é relaxado, preguiçoso e enfim, sei lá... (Ana)

Outra técnica apontada pelo autor (ibid), é o manuseio dos riscos de acordo com os grupos. Essa estratégia geralmente é utilizada em interações em que o *outsider* compartilha uma relação de subordinação com o grupo (SIMMEL, 2015), mesmo que esta não seja percebida por ele, como é o caso de Renato, que compartilha uma relação de subordinação com a família que proporciona seu sustento.

É de se pensar que esta técnica seria aplicada também nas relações profissionais, mas nenhum dos entrevistados, que atualmente mantém relações profissionais, procurou esconder seu estigma no ambiente profissional. Para Marcos:

Hum, é difícil pra mim controlar essa parte. Por exemplo, no trabalho, eu peguei lá [foi contratado] e espalhou que nem fogo o fato de eu fumar maconha, porque quando tem alguém que fuma maconha e tudo mais, a gente faz essa... A gente faz alguma brincadeira, às vezes, a respeito, então, até pelo próprio jeito de se portar, acho que às vezes a pessoa percebe. Então, é, tipo, eu não consigo controlar essa informação, ela acaba chegando. Geralmente quando eu chego a algum lugar, eu já meio que... Não há nada que eu possa fazer. (Marcos)

Murilo vai pelo mesmo caminho: Eu não controlo a informação de forma nenhuma, nunca escondo que eu sou maconheiro, qualquer pessoa que me conhece vai dizer: ‘tá, esse cara aqui fuma maconha’. Nunca fiz questão de esconder, sempre tive esse, muito revolucionário dentro de mim: ‘não, eu fumo mesmo’. É isso, sempre bater contra a parede, assim, então, nunca passei a esconder isso, nem falar com nenhum tipo de cautela, sempre foi muito bem aberto. (Murilo)

---

<sup>7</sup> Dichavador é um instrumento utilizado para soltar a erva que geralmente é vendida prensada em blocos. E a seda, nada mais é do que o papel de seda ou celuloose, com o qual são preparados os cigarros de maconha.

Talvez por compartilhar esta relação de subordinação com a família, que não pode saber de sua característica estigmatizante, Renato seja um dos entrevistados mais experientes em estratégias de controle de informação. Além do manuseio dos riscos e da ocultação de símbolos, Renato utiliza outra técnica, descrita por Goffman (1981), a de apresentação dos signos de um estigma como de outro menos expressivo. Ele associa certas características, causadas pelos sintomas do uso de maconha, como a perda de reflexos e lentidão de raciocínios, ao estigma de ser “das artes”, neste sentido, um indivíduo que tende a divagar mais.

Renato: “A sorte que eu tenho é que eu faço parte do conceito: ‘Ai, ele é das artes, se ele é meio viajado.’”

As técnicas podem ser exercidas não somente pelos atores individualmente, mas também pelos grupos com os quais se convive, levando ao indivíduo a pensar que ele é mais aceito do que de fato é (GOFFMAN, *ibid*). Isso ocorre quando o grupo de amigos dos entrevistados, mesmo aqueles que não fumam, não os rotulam como *outsiders* por consumirem maconha. Como relata Murilo: “Então, eu diria que eu tô cercado, assim, é um negócio que eu tô cem por cento, não consigo ver a maconha como um negócio ruim, porque eu tô sempre cercado de muitas pessoas que fumam maconha.”

E por fim, a técnica exercida em grupo pelos *outsiders*, ou seja, a formação de um círculo de cooperação mútua entre o grupo para “manipular” a forma como serão percebidos e tratados (GOFFMAN, *ibid*).

É que também não...Minha vida não é só maconha, né, gente? Nem todo grupo que não fuma normalmente quer saber muito sobre... Então, não precisa, a estratégia é uma coisa que se torna natural também. Porque o assunto maconha só vai ser de interesse de quem vive aquele mundo ou tem curiosidade de viver aquilo. Acaba que quem não consome e não tem curiosidade, não tem por que a gente comentar sobre. Mas se questionado, a gente vai conversar de aberto, vou passar minha opinião e vou tentar entender a opinião e mudar a opinião da outra pessoa. (Caio)

Nesta seção, que encerra o capítulo de análises empíricas, foram esclarecidas quais das estratégias de controle de informação descritas por Goffman (1981) são utilizadas pelos jovens entrevistados no que diz respeito ao consumo de maconha.

Sendo as estratégias individuais: ocultação ou recusa de um símbolo estigmatizante, encobrimento do estigma para grupos específicos, não aceitação de rótulos, manuseio de riscos de acordo com o grupo e apresentação de símbolos de um estigma como de outro menos expressivo.

Em relação às estratégias exercidas em grupo, encontrou-se: formação de um círculo de cooperação dentro do grupo de *outsiders* ou ainda quando o grupo em que o jovem ocupa o lugar de *outsider* o faz acreditar ser mais aceito do que de fato é.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso, buscou-se combinar as teorias sociológicas de Howard Becker, Erwign Goffman e Georg Simmel para compreender como o consumo de maconha permeia as relações sociais de jovens consumidores na cidade de Pelotas, analisando os grupos dos quais fazem parte, bem como os rótulos que estes jovens percebem e a maneira como lidam com eles.

A partir das análises empíricas foi possível identificar os grupos dos quais estes jovens fazem parte, além do grupo *outsider* consumidores de maconha. Ficaram estabelecidos como grupos: família, amigos, grupo acadêmico e profissional quando este jovem está envolvido com atividades profissionais. A partir das formas sociais de *subordinação*, *secreto* e *estrangeiro*, descritas por Simmel (2015), constatou-se que por vezes compartilham uma relação de subordinação com alguns grupos, mesmo quando não a percebem. Esta forma de subordinação se dá principalmente dentro dos grupos familiares e profissionais.

É justamente pela possível subordinação deste jovem ao grupo familiar que pode estabelecer-se dentro do grupo também a forma social do secreto, quando o consumo de maconha fica em sigilo para o grupo. Esta forma social também é comum – no que diz respeito ao consumo de maconha – nas sociações em que este jovem somente *trava conhecimento* (SIMMEL, *ibid*) com outro ator social ou grupo. Todavia, a forma do secreto é pouco comum nos grupos de amizade destes jovens.

Nestes grupos, é comum que o jovem consumidor de maconha busque se relacionar com outras pessoas que também fumam. Estas relações unem estes consumidores como minoria diante da maioria não fumante. Esta união com outros *outsiders*, praticantes do mesmo ato supostamente desviante (BECKER, 2008), eventualmente, pode levar estes jovens a estabelecerem a forma social do estrangeiro nas interações sociais com outros grupos dos quais fazem parte e que não consomem maconha.

Por sua vez, os diferentes rótulos percebidos pelo grupo compõem o que alguns entrevistados entenderam como *estigma do maconheiro*, uma miríade de rótulos relacionados a desleixo, desinteresse nas atividades cotidianas e falta de ambição profissional. No entanto, este estigma perde força conforme os atores rotuladores, que fazem parte dos grupos de convívio deste jovem, começam a enxergar o consumo de maconha somente como uma característica e não o traço dominante deste jovem. Dessa forma, alguns rótulos mais específicos, estão atrelados não somente ao consumo de maconha, mas a alguma outra característica pessoal.

Foi possível verificar também, que os jovens consumidores que participantes da pesquisa sentem mais o peso dos rótulos nas interações em que são desacreditados desde o primeiro momento (GOFFMAN, 1981), por exemplo, em interações de “trava de conhecimento” onde o outro ator percebe logo de cara que este jovem consome maconha. Além disso, o peso e significado dos rótulos nas vidas dos *outsiders* são variáveis de acordo com as diferentes interações e atores envolvidos (BECKER, 2008). Do mesmo modo, cada interação é influenciada diretamente pelos espaços em que acontecem

As análises se encerram com a identificação de algumas estratégias individuais e coletivas utilizadas pelos jovens entrevistados para manipular ou ocultar que são consumidores de maconha. Através dos relatos, foi possível identificar algumas técnicas de controle de informação descritas por Goffman (1981), tais como: *ocultação ou recusa de um símbolo estigmatizante, encobrimento do estigma para grupos específicos, não aceitação de rótulos, manuseio de riscos de acordo com o grupo, apresentação de símbolos de um estigma como de outro menos expressivo* para as estratégias individuais; e *formação de um círculo de cooperação dentro do grupo de outsiders* ou ainda quando o grupo em que o jovem ocupa o lugar de *outsider* *o faz acreditar ser mais aceito do que de fato é*, para as estratégias exercidas em grupo.

Feitas as considerações teóricas e empíricas, reitera-se que este trabalho fica limitado geograficamente à cidade de Pelotas, com uma pequena amostragem de sua população jovem, bem como às restrições de tempo e recursos disponíveis para a realização de um trabalho de conclusão de curso de uma graduação.

Contudo, apesar das restrições do trabalho, foi possível ilustrar que o consumo de maconha como um ato de desvio vai muito além da visão funcionalista da contravenção. Ele envolve formação de rótulos em microgrupos e percepção de jovens consumidores sobre esses rótulos associados a eles, bem como uma diversidade de estratégias utilizadas por estes para o controle de informações em relação à criação de estigmas. Além disso, este estudo revigora o campo utilizando a teoria das Formas Sociais de Simmel na análise das relações sociais de jovens consumidores de maconha, sugerindo uma maior utilização deste arcabouço teórico em futuras pesquisas sobre o tema.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges Ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008.

BERK, Bernard. **History of Labeling Theory**. International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences, 2nd edition, Volume 13. University of California, Los Angeles, dezembro 2015.

BOURDIEU, Pierre. **“A juventude é apenas uma palavra”**. In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 113.

BRASIL, **Lei Nº11.343 de 23 de AGOSTO de 2006**, disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/11343.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11343.htm)>. Acesso em: 15/05/2022.

BRASIL, **Lei Nº 12.852, de 5 de AGOSTO de 2013**, disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/12852.htm)>. Acesso em: 15/05/2022.

CAMPOS, Natália de. **Militância, organização e mobilização antiproibicionista da maconha: coletivos, eventos e marchas em Natal (RN)**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, p. 171, 2013.

COSTA, José Hermógenes Moura da. **De “Futuro do País” a um “Problema Social”: Estudo sobre a construção da identidade social do drogado em escolas de ensino médio**. Tese (Programa de Pós Graduação em Sociologia) – Universidade Federal do Pernambuco. Recife, p. 256, 2016.

CORRÊA, Douglas. **Fiocruz: 7,7% dos brasileiros usaram maconha pelo menos uma vez**. Agência Brasil. Rio de Janeiro, 09/08/2019. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2019-08/fiocruz-77-dos-brasileiros-usaram-maconha-pelo-menos-uma-vez>> Acesso em: 15/05/2022.

ELWANGER, Guilherme Alves. **“Entre a droga e o remédio: Uma análise do debate sobre a regulamentação da maconha no Brasil”**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 188, 2016.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed: 2009. 405 p. Disponível em [minhabiblioteca.com: <https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php#sobe\\_paginacao>](https://pergamum.ufpel.edu.br/pergamum/biblioteca/index.php#sobe_paginacao). Acesso em: 18/12/2022.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução: Maria Célia Santos Raposo 10ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOFFMAN, Erving. **Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert 4º ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER, Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. **Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização**. Revista de Investigaciones UNAD, Bogotá, v.14, n. 2, p 55-73, julho/ dezembro de 2015. Disponível em: <<https://hemeroteca.unad.edu.co/index.php/revista-de-investigaciones-unad/article/viewFile/1455/1771>>. Acesso em: 18/12/2022.

LENOIR, Remi et all. **“Iniciação à prática sociológica”**. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: 1996.

MATHIAS, Lucas. 2021. **Maconha para uso recreativo: Além do México que já liberou, veja como já funciona o uso da planta em outros países**. O Globo, 30/06/2021. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/brasil/epoca/maconha-para-uso-recreativo-alem-do-mexico-que-liberou-veja-como-ja-funciona-uso-da-planta-em-outros-paises-25083189>> Acesso em: 05/02/2023

MELO, Ricardo Bandeira de. **“Consumo de Cannabis e Indicadores Sociais da Diferença”**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p.131, 2020.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2014. Disponível em: <[https://e-aula.ufpel.edu.br/pluginfile.php/256154/mod\\_resource/content/1/Oliveira%2C%202014%20cap.%203%20.pdf](https://e-aula.ufpel.edu.br/pluginfile.php/256154/mod_resource/content/1/Oliveira%2C%202014%20cap.%203%20.pdf)>. Acesso em: 18/12/2022.

OLIVEIRA, Lannuzya Veríssimo e; *et al.* **Muros (in)visíveis: reflexões sobre o itinerário dos usuários de drogas no Brasil**. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 29(4), e290411, 2019. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0103-73312019290411>>. Acesso em: 05/02/2023

QUIXABA, Auriane; SCHEFFER, Graziela. **Trabalho, estigma e uso de drogas: Encruzilhadas da inserção ao mercado atual**. Serviço Social & Realidade, Franca, v. 24, n. 2, 2015. Disponível em: <<https://ojs.franca.unesp.br/index.php/SSR/article/viewFile/2498/2204>>. Acesso em: 05/02/2023

Secretaria de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde. **PORTARIA Nº 344, de 12 de MAIO de 1998**. 1998. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1998/prt0344\\_12\\_05\\_1998\\_rep.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1998/prt0344_12_05_1998_rep.html)>. Acesso em: 10/05/2022.

SIMMEL, Georg. **SOCIOLOGIA: Estudos sobre as formas de socição**. Tradução Raúl Enrique Rojo. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2021.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

Supremo Tribunal Federal, 2011. **STF libera "marcha da maconha"**. Disponível em: <<https://stf.jusbrasil.com.br/noticias/2737214/stf-libera-marcha-da-maconha>> Acesso em: 15/05/2022.

Turner, Jonhathan; Beeghley, Leonard; Powers, Charles H. A sociologia de Simmel. In: **A emergência da teoria sociológica**. Capítulo 11. p. 247. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

VALLES, Miguel S. Martines. **Técnicas Cualitativas de Investigación Social. Reflexión metodológica y práctica profesional**. Espanha, Editorial Síntesis S. A., 1999.

VELHO, Gilberto. **O consumo de Cannabis e suas representações culturais**. In: Maconha em Debate. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

VELHO, Gilberto. **Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil**. 1LHA- Florianópolis, v.4, n.1, julho de 2002, p. 5-16

VINUTO, Juliana. **A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p 203-220, ago/dez. 2014. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/download/10977/6250/18568>> Acesso em: 18/12/2022.

ZABLUDOWSKI, Gina; SABIDO, Olga. **Estudio introductorio de Sociología: estudio de las formas de socialización**. México: Fondo de Cultura Económica, 2015.

ZANOTTO, Daniele Farina; ASSIS, Fátima Büchelle. **Perfil dos usuários de crack na mídia brasileira: Análise de um jornal e duas revistas de edição Nacional**. Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 27 [ 3 ]: 771-792, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/physis/a/PbPP5GvzZgVLT3C3bT3xTbD/?lang=pt>>. Acesso em: 27/12/2022.

## 6. ANEXO ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

A seguir estão expostas as perguntas inseridas nas entrevistas realizadas em Pelotas/RS com jovens usuários de maconha habitantes da cidade.

Aqui, as perguntas estarão listadas em ordem numérica, mas não foi seguida nenhuma ordem específica durante a realização das entrevistas, preservando uma naturalidade na interação entre entrevistador e entrevistado (ERLANSON *et al*, 1993 *apud* VALLES, 1999).

1. Quais são os grupos com os que você se relaciona?
2. Tem uma relação de igualdade com esses grupos ou de subordinação?
3. Você acha que forma uma espécie de sociedade secreta por consumir maconha?
4. Você sente como se não fosse parte da sociedade?
5. Quais são os rótulos que você recebe enquanto consumidor de maconha?
6. Os rótulos variam entre os grupos com os quais você se relaciona? Desenvolva.
7. O que você faz para lidar com essa questão de consumir maconha?
8. Como você controla as informações entre aqueles que não são usuários?
9. Concretamente o que você faz para não ser estigmatizado?
10. Muda sua estratégia com cada grupo?